

O Globo, 12 de outubro de 2021

Salários mais altos e remuneração até para participar de entrevistas: como empresas americanas disputam trabalhadores nos EUA

De varejistas a redes de fast-food, empregadores reveem benefícios para atrair candidatos em meio a recorde de oportunidades mas também de desemprego

Por: Carol Knoploch

RIO — O mercado de trabalho americano vive uma situação paradoxal: nunca houve tanta oferta de vagas e tanta dificuldade para preenchê-las.

Redes de fast-food, como a do McDonald's, têm pago a candidatos para que eles compareçam a entrevistas de emprego. Outras dão bônus para quem fechar contrato. E gigantes como Amazon, Costco e Walmart elevaram seus salários mínimos ou passaram a oferecer novos benefícios para atrair trabalhadores.

Rendimento baixo, distribuição de auxílio financeiro pelo governo na pandemia e necessidade de ficar com os filhos são algumas das razões apontadas para esse descompasso.

Em plena recuperação econômica, fomentada pelos enormes gastos governamentais e pela vacinação para Covid-19 acelerada, há falta de mão de obra em alguns segmentos e, ao mesmo tempo, milhões de desempregados.

— Há situações como a do Mc Donald's pagando US\$ 50 para o comparecimento em uma entrevista. Uma loja na Pensilvânia oferecia US\$ 500 para quem fechasse contrato. Parece coisa de jogador de futebol, luvas para

trabalhar no Mc Donald's — compara o economista William Castro Alves, estrategista-chefe da Avenue e que mora em Miami.

Vagas abertas

Mas ele diz que esse descompasso tende a diminuir, com o fim da ajuda federal a desempregados. Muitos estados acabaram com o programa de repasses em junho. Além disso, a reabertura de escolas também deve amenizar a pressão sobre o mercado de trabalho.

Segundo o último relatório do governo americano sobre vagas abertas e não preenchidas, 749 mil postos de trabalho foram abertos em julho, chegando a um total de 10,9 milhões, maior nível da série histórica, iniciada em dezembro de 2000. A maior parte dessas vagas estão em setores de saúde e assistência social, finanças e seguros, e hospedagem e serviços alimentícios.

Nesta pesquisa consideram-se vagas abertas aquelas posições cujo início do trabalho está previsto em 30 dias e para as quais as empresas estão efetivamente buscando pessoas. É divulgada mensalmente pela Agência de Estatísticas do Trabalho dos EUA (BLS, na sigla em inglês). Os novos dados, referentes a agosto, serão divulgados nesta terça-feira, dia 12 de outubro.

É diferente das pesquisas que trazem dados sobre a taxa de desemprego e o chamado nonfarm payroll (contratações fora do setor agrícola), também divulgadas mensalmente pela agência. Na última sexta-feira, a BLS revelou que foram criadas 194 mil vagas seguindo esses critérios e que a taxa de desemprego caiu a 4,8%. Mas ainda há 7,7 milhões de desempregados.

Benefícios federais

O economista Manuel Thedim, ex-subsecretário Municipal do Trabalho no Rio de Janeiro, avalia que os benefícios federais são a principal razão para a baixa procura por emprego.

— O benefício foi muito largo, contemplou muita gente, não foi focado em quem realmente precisava. Faltou calibragem e desarrumou o mercado de trabalho. Em várias áreas, como a de restaurantes, há relutância para voltar pela qualidade do posto de trabalho e por causa da remuneração. Empregadores pagam bônus aos funcionários, algo que se via apenas para altos cargos como presidente, CEO ou gente muito especializada — diz Thedim.

Varejistas também têm encontrado dificuldade. Para driblar a escassez de mão de obra, têm oferecido aumento salarial e incentivos para reter funcionários, já que a principal preocupação é de que não terão trabalhadores suficientes para a temporada de compras natalinas, que começa logo após o Dia de Ação de Graças, em 25 de novembro, e continua no início de janeiro.

A rede Target anunciou que planeja contratar 100 mil trabalhadores sazonais neste ano, menos que no ano passado, para se preparar para a temporada de férias.

A ideia é oferecer mais horas de trabalho aos que já são funcionários durante o período de maior movimento, resultando em cerca de US\$ 75 milhões a mais em seus contracheques.

A Target, que tem atualmente mais de 350 mil trabalhadores, já havia aumentado seu salário inicial para US\$ 15/hora no ano passado.

Amazon, Costco, Chipotle, JP Morgan, entre outros, também aumentaram seus salários mínimos. A Walmart, que paga menos que a concorrente Costco, incluiu no pacote de benefícios o pagamento escolar dos filhos de alguns de seus funcionários. Até bancos usam do mesmo expediente: o Bank of América anunciou recentemente que elevou o salário mínimo por hora (US\$ 25) e insistiu que seus fornecedores também fizessem o mesmo e que esse valor não fosse abaixo de US\$ 15/hora.

Desencontro

Nos EUA, o salário mínimo federal é de US\$ 7,25, nível que não mudou em 12 anos, embora vários estados tenham um piso mais alto. Desde que tomou posse, em janeiro deste ano, o presidente Joe Biden tentou modificar a legislação em vigor, mas uma forte oposição no Senado obrigou-o a abandonar a proposta.

Em abril, ele sancionou um decreto que aumenta para US\$ 15 o salário mínimo dos trabalhadores contratados pelo governo federal, válido a partir do início de 2022, contra atuais US\$ 10,95.

Segundo pesquisa da Indeed Hiring Lab Job Search Survey, consultoria econômica focada no mercado de trabalho, 21% dos entrevistados não procuravam emprego porque consideravam ter algum colchão econômico, 18% contavam com renda do cônjuge e 10%, com o benefício de desemprego financiado pelo governo federal ou aposentadoria relacionada à pandemia.

Mas há outros fatores, segundo dados de julho, como ter de cuidar dos filhos (21%) e medo de se contaminar com a Covid-19 (17%).

Para Daniel Duque, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia, da FGV, especialista em mercado de trabalho, outro motivo que está por trás da falta do elevado número de vagas não preenchidas é uma questão de desencontro.

Com a pandemia, muitas pessoas voltaram para seus estados de origem e não pensam em retornar a morar na cidade em que trabalhavam.

— A pandemia também trouxe uma grande expansão da possibilidade de trabalho em home office, com maior flexibilidade. E muitos trabalhadores têm procurado bem-estar. Se podem escolher, escolherão — analisa Duque, para quem, no entanto, a maior dificuldade do empregador está nas áreas de média e baixa qualificação.

Nesse sentido há outros desencontros apontados por William Castro: a especialização. Recentemente, diz, a Fedex, que nos EUA é largamente utilizada como entregadora de e-commerce, precisava de motoristas com licença específica para caminhão, algo pouco usual.

Segundo ele, o Banco Central e o Tesouro americanos trabalham com a perspectiva de que no final do primeiro semestre do ano que vem, os EUA voltem ao pleno emprego, retornando ao nível pré-pandemia, ainda no governo Donald Trump, quando foi registrada taxa de desemprego de 3,6%.

Luiz Carlos Prado, economista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), não é tão otimista. Diz que este cenário atual é momentâneo, uma questão de timing. Mas que o pior está por vir:

— Trata-se de uma fase de retomada da economia que é desigual nos diversos estados e também nos diversos setores no país. Ao menos, melhorias nos salários de uma forma geral, estão ocorrendo e pessoas menos qualificadas também se beneficiarão. Mas, não há pleno emprego — diz

Ele complementa:

— Vejo com cautela o cenário que está por vir. O impacto do desemprego com o boom da indústria de automação. Aí sim, haverá descompasso e aí sim os trabalhadores poderão ter dificuldade de recolocação.

Link para a matéria original:

<https://oglobo.globo.com/economia/salarios-mais-altos-remuneracao-ate-para-participar-de-entrevistas-como-empresas-americanas-disputam-trabalhadores-nos-eua-25232865>